

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

144

INSCRIÇÕES 589-591



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

2017

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



ÁRULA DEDICADA A  
JÚPITER ÓPTIMO MÁXIMO SALVADOR,  
PROCEDENTE DE ZAVA, MOGADOURO  
(*Civitas Zoelarum, Conventus Asturum, Hispania Citerior*)

No sítio do Mural, termo da localidade de Zava, na freguesia de Mogadouro, foi descoberta uma árula, aquando de uma lavra para sementeira de aveia, no terreno pertencente a Merência e Manuel V. Moreira, os achadores da peça<sup>1</sup>. O Mural tem sido interpretado como povoado romano<sup>2</sup>, situando-se na extremidade meridional do planalto de Miranda, em vale abrigado, com boas condições edafoclimáticas, protegido de NO por uma crista quartzítica, denominada localmente por Fragas, que corresponde ao ponto mais elevado da serra de Zava.

O terreno onde ocorreu o achado tem uma configuração em anfiteatro, aberto a sul e de inclinação suave, com domínio visual para terras agricultadas e florestadas do termo de Zava, até aos montes que dividem com Vilar de Rei e Vale de Porco. Maioritariamente utilizado para produção de forragem para o gado, está ocupado no terço poente por uma vinha, de plantio recente, onde

---

<sup>1</sup> Os autores agradecem aos Professores Merência e Manuel Moreira a cedência da peça para estudo e publicação e elogiam a sua decisão de a expor, para fruição do público, na Sala-Museu de Arqueologia de Mogadouro.

<sup>2</sup> F. S. LEMOS, *O povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, Braga, [s. n.] (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho), 1993, IIa, pp. 289-290, n.º 388.

foram identificados alinhamentos de muros aquando da sua instalação. À superfície, são detectáveis fragmentos de cerâmica de construção e doméstica comum, bem como elementos pétreos, como mós e cantarias.

O presente achado é o primeiro de carácter epigráfico associado ao lugar, não contrariando a interpretação que foi avançada para o arqueossítio.

A descoberta realizou-se em Setembro de 2014, encontrando-se a peça em regime de depósito na Sala-Museu de Arqueologia, em Mogadouro (n.º de inventário: 002/15-SMA.DT.), desde 10 de Fevereiro de 2015, continuando propriedade dos achadores, residentes em Vila Nova de Famalicão.

A árula (19,9 x 17,3 x 4,3), de talco, tem como aspecto saliente a escassa espessura, claramente contrastante com a largura (correspondendo a cerca de um quarto desta), conferindo-lhe, deste ponto de vista, uma configuração esteleforme, que, todavia, a relação entre a altura e a largura não reforça. A execução geral é tosca, marcada pela falta de proporção e de esquadria, sendo, do ponto de vista morfológico, igualmente significativo que não se tenha optado por uma individualização da tripartição que é apanágio deste tipo de suporte. O capitel (6,3 x 18 x 3,6), completamente liso na sua face principal, surge com alusão ao cimásio através de delimitação de dois *pulvilli* enquadrando *fastigium* que se une a ranhura ligeiramente descendente para a direita, à que subjaz delineamento lateral bocelado de transição suave para o fuste (13,6 x 17,3 x 4,3) que termina o suporte. A face inferior deste apresenta-se levemente convexa, sem que deixe de permitir o posicionamento vertical da peça. O talhe pouco perfeito é frequentemente anguloso, como denota bem a execução superior dos *pulvilli* e do *fastigium*, tendo todas as superfícies recebido acabamento alisado. As arestas anteriores do fuste encontram-se biseladas de modo achabocado. Algumas arranhaduras, riscos e esboroamentos ligeiros afectam as superfícies, em grande medida favorecidos pelas características de baixa dureza da matéria do suporte.

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / CONSERVA/TORI · ATILIVS · /  
SILO · AR(am) · P(osuit)

*A Júpiter Óptimo Máximo Salvador. Atilio Silão colocou o altar.*

Altura das letras: l. 1: 1,7 (I = 1,3); l. 2: 1,6/2; l. 3: 1,5/1,9 (V = 1,3); l. 4: 1,5/1,9 (I = 1,2; A = 2,3).

Margem superior: 0,9; margem inferior: 4,3; margem esquerda: 7,8; margem direita: 9,2. Espaços: 1: 7; 2: 0/0,5; 3: 0/0,5.

A inscrição ocupa a face anterior do suporte, iniciando-se logo abaixo da ranhura do capitel, pelo que a primeira linha do texto enfileira ainda com o delineamento bocelado que estabelece lateralmente a transição para o fuste.

A paginação foi realizada sem grande esmero, seguindo todas as linhas uma direcção descendente, coincidente com o traçado da referida ranhura. Se para a primeira linha se optou por um ajuste em função do eixo central, a realidade é que os espaços interliterais não são uniformes, aspecto que acaba por ser influenciado pela largura da última das siglas de *I O M*. A segunda linha foi, todavia, chegada à direita, em contraponto com as seguintes, que seguem alinhamento oposto, aspecto que tem a particularidade de conduzir à translineação do epíteto divino que se gravou por extenso. Deste modo, a terceira linha completa-se com o início do nome do dedicante, que continua na seguinte, encerrada pela fórmula final.

A gravação apresenta sulcos de espessura e secção variáveis em parte fruto da ductilidade da matéria do suporte. Os caracteres comuns, denotando também influência cursiva, apresentam desenho pouco regular, como claramente demonstra a variação dos OO, que oscilam entre a tendência circular (l. 1 e 2) e a configuração alongada (l. 3 e 4); ou o traçado das panças dos RR, tendencialmente angulosas; ou mesmo a delineação dos SS, sempre bastante aberta e com inclinação para diante. Saliente-se, ainda, o traçado dos LL, de barras claramente descendentes, e a grafia do E, igual a II; M largo, a partir de dois A; C aberto e inclinado para diante; N também a partir de A e com a haste do P a sobrepassar a pança de desenho idêntico à dos RR. Recurso a nexos VA no final da l. 2, sendo de assinalar a utilização de travessão que os AA não apresentam. A pontuação, tendencialmente redonda, mas irregular, está ausente na primeira linha, utilizando-se nas seguintes para separação de palavras e de abreviaturas, sem respeito pela inserção a meia altura.

O dedicante identifica-se através de *duo nomina* latinos. Con-

trariamente ao cognome *Silo*, o gentílico é a primeira vez que se atesta por estas paragens durienses, mas a sua distribuição na Hispânia cobre todas as províncias<sup>3</sup>. Curiosamente, o exemplo mais próximo do mogadourense também se liga ao vale do Douro, mas algumas milhas mais a nascente: *M. Atilius Silonis f. Quir. Silo* dedicou à deidade indígena *Mentoviaco* (dat.) um altar<sup>4</sup>, que se encontra actualmente encastrado na fachada do Ayuntamiento de Zamora, salientando-se ainda, neste caso, a particularidade de haver também coincidência ao nível do cognome. O gentílico, igualmente, na cidade de Salamanca se regista<sup>5</sup>. No Noroeste peninsular, está, ainda, documentado nas províncias de Ourense<sup>6</sup> e, eventualmente, de León<sup>7</sup>.

O antropónimo *Silo* é comum na onomástica romana regional, encontrando-se inclusivamente registado na segunda parte do texto da Tábua de Astorga, associado ao nome de um dos garantes do pacto, *L. Domitius Silo*<sup>8</sup>. Todavia, não é como cognome, tal como no altar que damos a conhecer, que surge mais frequentemente documentado na epigrafia da área transmontana e zamorana ocidental. A sua utilização como idióónimo está mais bem representada<sup>9</sup>, surgindo, inclusive, maioritariamente como patronímico,

---

<sup>3</sup> J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia – [Madrid], Universidad, Secretariado de Publicaciones – Universidad Complutense, 1994 (Arqueología; 1. Anejos de Antigüedad y Cristianismo; 2), pp. 86-87.

<sup>4</sup> *CIL* II 2628 = *CIL* II 5649 [E. HÜBNER, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berolini, apud Georgium Reimerum, 1869 (*Corpus Inscriptionum Latinarum*; 2); Id., *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum*. Berolini, apud Georgium Reimerum, 1892 (*Corpus Inscriptionum Latinarum*; 2) = *CIL* II].

<sup>5</sup> *CIL* II 871 e *CIL* II 872: Salamanca.

<sup>6</sup> *CIL* II 2604 e *CIL* II 2605: Pobra de Trives.

<sup>7</sup> *CIL* II 5681: León, embora este caso não ofereça segurança pela incompletude da peça, sendo, assim, também viável uma restituição com base no gentílico *Attius*.

<sup>8</sup> *CIL* II 2633: Astorga. Para uma perspectiva hispânica da distribuição deste antropónimo, veja-se J. M. Abascal Palazón, *op. cit.*, p. 511-512.

<sup>9</sup> *CIL* II 2510 = *ERRB* 78: Cova de Lua [A. REDENTOR, *Epigrafia romana da região de Bragança*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2002 = *ERRB*]; *AE* 1987 564c = *ERRB* 73: Nogueira [*L'Année Épigraphique*, Paris, Presses Universitaires de France = *AE*]; *AE* 1987, 590 + A. REDENTOR, «Representações

o que diz bem da sua penetração no seio da população peregrina.

A importância da dimensão do culto dirigido a Júpiter no Noroeste hispânico há muito foi diagnosticada<sup>10</sup>. O ente divino que se cultua neste testemunho epigráfico é claramente o Júpiter Capitolino, na sua feição soberana, como demonstram os superlativos *Optimus* e *Maximus*, ainda que surjam reforçados com o qualificativo *Conservator*, o qual transporta a dimensão mais concreta, a do deus que zela pela salvação do Império e do príncipe<sup>11</sup>. Não será forçoso, porém, que seja sempre visado nesta óptica eminentemente política, sendo plausível que nestes ambientes rurais do mundo provincial se recorra à invocação com um prosaico sentido protector<sup>12</sup>.

A fórmula dedicatória, com uso de flexão de *pōnō, is, ěre, posūi, positum* não é inusitada na epigrafia votiva referente ao *pater deorum*, bem como não é a expressa referência à oferta de altares<sup>13</sup>.

---

zoomórficas na epigrafia funerária transmontano-zamorana ocidental da época romana», in *Congresso Internacional de Arqueologia Iconográfica e Simbólica (Meda e Vale do Côa, 20-25 de Abril 2002): livro de actas*, [Condeixa-a-Velha]: Liga de Amigos de Conímbriga, 2003, pp. 183-184, n.º 8 + *HEp* 13, 860: Saldanha [*Hispania Epigraphica*, Madrid, Universidad Complutense = *HEp*]; F. A. ALVES, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, tomo 9: *Arqueologia, etnografia e arte*, Porto: Tip. da Empresa Guedes, 1934, pp. 501-502: Palaçoulo; Id., *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, 11: *Arqueologia e etnografia*, Porto, Tip. Empresa Guedes, 1947, pp. 672-673: Urrós; *HAE* 1055/1641: Santa Cruz da Vilariza [*Hispania Antiqua Epigraphica*, Madrid, CSIC = *HAE*]; *HAE* 922: Villalcampo. A estrutura onomástica do dedicante da inscrição do Ayuntamiento de Zamora, acima referida (cf. nota 2), também comporta este nome como patronímico.

<sup>10</sup> A. M. VÁZQUEZ HOYS, «El culto a Júpiter en Hispania», *Cuadernos de Filología Clásica*, 18, 1983-1984, pp. 118-119.

<sup>11</sup> J. TOUTAIN, *Les cultes païens dans l'Empire romain, première partie: Les provinces latines*, tome 1: *Les cultes officiels; les cultes romains et gréco-romains*, Paris: Ernest Leroux (Bibliothèque de l'École des Hautes Études, sciences religieuses; 20), 1907, pp. 195-196; *DAGR*, s. v. Jupiter [CH. DAREMBERG; E. SAGLIO, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris: Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, 5 tomos = *DAGR*].

<sup>12</sup> F. PEETERS, «Le culte de Jupiter en Espagne d'après les inscriptions», *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, 17:1-2, 1938, p. 191.

<sup>13</sup> A. M. VÁZQUEZ HOYS, *op. cit.*, pp. 89 e 116.

Olhando à paleografia, em que a influência da grafia cursiva é bastante acusada, a datação do monumento não resulta inequívoca, mas algumas letras, como o M bastante largo, o N com inclinação para diante, o L de barra descendente ou o O redondo e contido, afiguram-se-nos enquadráveis em fase avançada do século II, aspecto que se coaduna com a estrutura duonominal do nome do dedicante, a qual dificilmente abona um recuo para além de finais do século II. Uma cronologia severiana ou ligeiramente posterior não resultará, assim, inverosímil. Para este contexto cronológico poderá, inclusive, considerar-se uma possível influência relacionada com a importância que os imperadores dessa dinastia dão à faceta jupiteriana de *Conservator*, a qual se faz sentir particularmente na amoedação<sup>14</sup>.

O culto a *Iuppiter Optimus Maximus Conservator* tem, todavia, em terras transmontanas de entre Sabor e Douro outras manifestações documentadas: em Lagoaça (Freixo de Espada à Cinta)<sup>15</sup> e em Carviçais (Torre de Moncorvo)<sup>16</sup>, ambas em plausível território lusitano, considerando o cenário de a Astúria meridional não incluir as terras a sul da serra de Bornes e da serra de Mogadouro<sup>17</sup>. Salienta-se, todavia, que esta junção epitética específica não conhece mais testemunhos ástures, sendo de equacionar possível influência meridional no desenvolvimento desta faceta cultural.

ANTÓNIO PEREIRA DINIS

ARMANDO REDENTOR

EMANUEL CAMPOS

---

<sup>14</sup> J. FERGUSON, *The Religions of the Roman Empire*, Ithaca, Cornell University Press, pp. 41-43.

<sup>15</sup> *HEp* 3, 429; *AE* 1987, 607; *RAP* 368 [J. M. GARCIA, *Religiões antigas de Portugal: aditamentos e observações às Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos: fontes epigráficas*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Temas portugueses) (= *RAP*)].

<sup>16</sup> *RAP* 367.

<sup>17</sup> F. S. LEMOS, *op. cit.*, p. 484-485; A. REDENTOR, «Panorama da teonímia pré-romana em Trás-os-Montes Oriental» in J. D'ENCARNAÇÃO (coord.), *Divindades indígenas em análise: actas do VII Workshop FERCAN*. Coimbra – Porto: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, 2008, pp. 105-106.



Foto: © José Ribeiro



1

DESENHO: © José Ribeiro



2

589

ARA A DIANA DE ALDEIA DE JOÃO PIRES  
(PENAMACOR)

Em visita ao Museu da Aldeia de João Pires (Penamacor), no âmbito da preparação da nossa tese de doutoramento em Arqueologia, pela Universidade de Évora, identificámos, conjuntamente com outros materiais da época romana, uma ara votiva de que se dá aqui notícia. Desconhece-se o local da sua procedência, bem como a data de entrada no Museu. Agradecemos a disponibilidade do João Carreto, que nos acompanhou durante a nossa permanência na Aldeia de João Pires.

Ara de granito de tonalidade rósea, relativamente bem conservada, apresenta os lados mutilados, com maior incidência no lado esquerdo, expondo uma linha de fractura que se prolonga pelo campo epigráfico ao nível da linha 3, o que levou à destruição das letras iniciais nas três primeiras linhas. O capitel, bastante danificado, não permite dizer se teria frontão e volutas. A base encontra-se desbastada, devido certamente a um reaproveitamento. O campo epigráfico foi rebaixado e separado do capitel por um filete.

Dimensões: 56 x 38 x 22,5

Campo epigráfico: 26 x 31

DIANAE / VALERIA / [T]ERPNE / V(*otum*) · L(*ibens*) ·  
A(*nimo*) · S(*olvit*)

*Valéria Terpne cumpriu de boa vontade o seu voto a Diana.*

Altura das letras: l. 1: 6; l. 2: 6; l. 3: 5; l. 4: 5. Espaços: 1: 0,8; 2 e 3: 1,2; 4: 1,5; 5: 1,2

De um modo geral, o texto não oferece dificuldade de

reconstituição, inclusive as três primeiras linhas, que devido à fractura da pedra, não se encontram completas. Da primeira letra da l. 1 distingue-se o que será um D; na l. 2, parece-nos legítimo reconstituir o V, de que resta parte da segunda haste. Na l. 3, só o T desapareceu, sendo fácil de reconstituir a segunda letra, que corresponde a um E e a terceira a um R. Os caracteres estão gravados a pouca profundidade, com um *ductus* irregular, apresentando as mesmas letras aberturas diferentes. *Puncti distinguentes* na última linha.

O monumento representa o voto feito por Valéria Terpne à deusa romana Diana, onde a ofertante da ara se identifica à maneira romana, com *nomen + cognomen*, levando-nos porém a admitir, pela natureza do cognome, tratar-se de uma liberta que desta forma presta um voto pela graça concedida. *Valeria* é um gentílico bem documentado na Hispânia<sup>1</sup>. Relativamente a *Terpne*, estamos na presença de um cognome inédito na Península Ibérica, correspondendo a um nome grego, derivado do adjectivo *τερπνή* (*terpné*), «amável», «deleitosa» e de que há testemunhos no mundo romano, encontrando-se documentado, pelo menos, 11 vezes.<sup>2</sup>

Documenta-se, assim, mais um testemunho do culto a Diana, o sexto em Portugal<sup>3</sup> e difundido, sobretudo, em locais onde o índice de romanização é maior. Em Roma, Diana era também a deusa dos libertos, escravos e da plebe<sup>4</sup>, facto que vem reforçar a nossa tese em relação à dedicante ser uma liberta.

Pela estrutura simples do texto, pelo modo de identificação da dedicante e pela paleografia, podemos datar este monumento do séc. I d. C.<sup>5</sup>

MANUEL LEITÃO

---

<sup>1</sup> VIVES, JOSÉ – *Inscripciones Latinas de la España Romana*. Barcelona 1971, p. 761-762.

<sup>2</sup> Sobre a ocorrência na epigrafia do Império, consultar <http://www.manfredclaus.de/>

<sup>3</sup> Loulé (IRCP, p. 104, n.º. 58); Albufeira (IRCP, p. 109, n.º. 61); Silves (IRCP, p. 103, 57); Lisboa (AE 1950, 254) e Condeixa-a-Velha (HEp 12, 2002, 624).

<sup>4</sup> SALINAS DE FRIAS, MANUEL – *La Religión Romana en la Meseta Meridional*. In “La romanización en el territorio de Castilla-La Mancha”. Cuenca 2008, p. 61- 90.

<sup>5</sup> Agradecemos ao amigo e Mestre Professor José d’Encarnação o auxílio prestado na elaboração desta notícia.



590

UNA ESTELA EN EL BARCO DE ÁVILA  
(*Conventus Emeritensis*)

Fragmento de un bloque o lastra de granito oscuro, cuyas dimensiones actuales son (46) x (37) x ? La pieza solo conserva la porción central y la cabecera de forma semicircular y en la que se aprecian con dificultad dos figuras en forma de omega, la de izquierda mejor conservada que la otra; indudablemente, se trata de dos bustos humanos burdamente ejecutados y carentes de rasgos faciales, bien porque nunca los tuvieron, bien por haber desaparecido con el desgaste de la superficie inscrita. Este motivo es característico de los monumentos de la zona y suele guardar relación con el número de difuntos incluidos en el epitafio.<sup>1</sup>

Bajo los bustos esquemáticos, dos renglones mutilados por la izquierda pero que parecen completos por la derecha, a juzgar por lo que sucede en la l. 2. Las letras son capitales cuadradas, ejecutadas con bastante cuidado y que miden 9 cm de altura. Al inicio del epitafio se aprecia un rasgo que interpretamos como parte de un frecuente nexa triple, quizá seguido de interpunción.

El epígrafe está colocado en el forro de la zapata de la cara externa de la fachada meridional de la iglesia de la Asunción de Nuestra Señora de El Barco de Ávila, que sirve de banco corrido en el atrio de la misma. Su existencia fue señalada por González Zymła<sup>2</sup>, quien ofreció una incorrecta lectura del monumento<sup>3</sup>. Vista y descrita

---

<sup>1</sup> HERNANDO SOBRINO, R. (2005), *Epigrafía Romana de Ávila* (Petrae Hispaniarum, vol. 3), Bordeaux, 244-245.

<sup>2</sup> GONZÁLEZ ZYMLA, H. (2011), «Arquitectura militar y urbanismo de frontera en Barco de Ávila», *Revista de Arqueología* 32(358) 35-36.

<sup>3</sup> MAL en la l. 1 e SCF, en la l. 2.

el 4 de julio de 2016 gracias a la asistencia de Ángel L. Mayoral Castillo, fotografía con quien estamos en deuda por su gentileza durante la visita a El Barco.

(*capita dua*)  
[A]NT(*onius*) · TALA  
[V]VS CR-  
[- - -]  
-----

También entra en lo posible reconstruir ll. 1-2 como *Tala[bi]s(ervus)*, *Cr[- - -]* pero el *nomen gentile* aboga por un ingenuo con el estilo onomástico habitual en la comarca.<sup>4</sup>

*Antonius* es un gentilicio muy común en la Lusitania, con mayor presencia en ambientes urbanos, mientras que *Talabus/-vus* es más frecuente en las comarcas lusitanas del valle del Tajo y el Duero y en tierras adyacentes a éstas últimas de la Citerior. *Cr[- - -]* puede ser el inicio de nombres personales como *Crissus*<sup>5</sup>, *Crovus/Crovius*<sup>6</sup> o *Crastunus*<sup>7</sup>. *Crescens*, sin embargo, es quizá una mejor alternativa por sus connotaciones propiciatorias y porque, como tal, fue muy popular en Hispania, independientemente del grado de aceptación de la onomástica latina.

Basándose en la ausencia de mención a los Manes y en que el nombre de los difuntos se expresase en nominativo, Hernando data otras estelas abulenses con retrato<sup>8</sup> en el s. I, pero retrasa la fecha hasta mediados del siglo siguiente en los casos en los que, como aquí, aparecen letras enlazadas.

El Barco de Ávila se emplaza a los pies de una poderosa fortificación del siglo XII que controla un vado del río Tormes en el que confluyen un corredor natural muy transitado en época romana<sup>9</sup> y la ruta pastoril que,

---

<sup>4</sup> Vid. CIL II 5865 = HERNANDO SOBRINO 2005, cat. n. 27 (HEpOI 12 154).

<sup>5</sup> ESTEBAN ORTEGA, J. Y SALAS MARTÍN, J. (2003), *Epigrafía romana y cristiana del Museo de Cáceres*, Memorias del Museo de Cáceres, Cáceres: cat. n. 48, de Coria.

<sup>6</sup> CIL II 74, de Coria y 2550, de Padrón.

<sup>7</sup> CIL II 2825, de Ávila, pero el nombre es característico de los Uxamenses.

<sup>8</sup> HERNANDO SOBRINO 2005, cat. nn. 16, 36, 40, 46, etc.

<sup>9</sup> GÓMEZ-PANTOJA, JOAQUÍN (1999), «Historia de dos ciudades: Capera y Clu-

siguiendo el valle fluvial, une la altiplanicie salmantina con las veranadas de Gredos. Tan estratégica situación ha hecho suponer la mucha antigüedad del castillo antes mencionado e, incluso, de las pilas del puente actual sobre el Tormes,<sup>10</sup> pero lo cierto es que el epígrafe que editamos es, hasta ahora, el primer vestigio cierto de romanidad encontrado por ahora en esa localidad.

Durante nuestra visita examinamos otras lápidas también situadas en las inmediaciones de la iglesia, que mostraban grabados y anaglifos de apariencia antigua; dos de ellas podrían ser epígrafes, pero se encontraban tan erosionadas que nada obtuvimos en la autopsia y el examen posterior de sus fotografías tampoco ha dado resultado. En cambio, hay noticias de la existencia de sendos epitafios en Gilbuena y San Bartolomé de Tormes,<sup>11</sup> de los que hemos visto fotografías, pero no ha habido oportunidad de examinarlos *de visu*. Finalmente, el Sr. Mayoral nos informó de que el grupo de trabajo de El Barco ha encontrado indicios de asentamientos del periodo romano en San Lorenzo de Tormes, en Vallehondo, en El Hoyo, en Encinares, en La Horcajada, en Junciana (2 yacimientos), en Gilbuena (otros 2), y noticias de hallazgos en Navamorisca y El Losar; precisamente, las monedas de los s. I-IV encontradas en dos de esos lugares – Gilbuena y El Losar –, se conservan en la iglesia de El Barco.<sup>12</sup>

JOAQUÍN L. GÓMEZ-PANTOJA  
DAVID MARTINO GARCÍA

---

nia», en GORGES, J.- G. y RODRÍGUEZ MARTÍN FG (eds.), *Économie et Territoire en Lusitanie romaine* (Coll. de la Casa de Velázquez, nº 65), Madrid, 91-108. Disponible en: [http://www.academia.edu/attachments/5766059/download\\_file](http://www.academia.edu/attachments/5766059/download_file) (consultado em 2016-12-12).

<sup>10</sup> DE LA FUENTE ARRIMADAS, N. (1925), *Fisiografía e historia del Barco de Avila*, Ávila, 185-186.

<sup>11</sup> GÓMEZ BLÁZQUEZ, J. (2007), «Valdevedas: historia, misticismo y arte», *Trasierra*, 6, 300, nt. 6.

<sup>12</sup> ABAD VARELA, ME (1999): Monedas depositadas en el museo parroquial de El Barco de Avila, en Á. ALONSO ÁVILA (ed.), *Homenaje al profesor Montenegro: estudios de historia antigua*, Ávila, 577-592.





1



2

591